

Opinião

Quarto do riso

Alexandre Schwartsman



Impossível não tratar do fraco crescimento da economia brasileira no terceiro trimestre, quando o Produto Interno Bruto (PIB) registrou expansão de meros 0,6%, praticamente selando crescimento ao redor de 1% este ano e sublinhando as dificuldades que o país terá que superar para atingir a meta de 4% em 2013. Eu, em particular, espero um número entre 3% e 3,5% no ano que vem, mas ficaria apenas moderadamente surpreso se ficasse pouco abaixo de 3%.

À luz da anemia econômica deste ano uma mente desatenta poderia até atribuir poderes mágicos ao Copom, que iniciou seu ciclo de redução da taxa de juros embalado pela "hipótese de que a atual deterioração do cenário internacional cause um impacto sobre a economia brasileira equivalente a um quarto do observado durante a crise internacional de 2008/2009".

Uma investigação minimamente mais cuidadosa, contudo, é

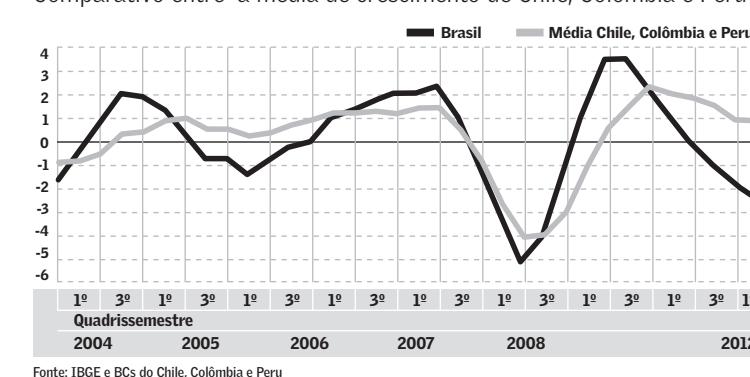
necessário distinguir os movimentos cíclicos da economia daqueles associados à sua tendência de crescimento. De fato, os efeitos da crise internacional devem se manifestar como uma redução cíclica do crescimento, isto é, um desvio para baixo relativamente à sua tendência. Se tais efeitos não forem desembocados corremos o risco de atribuir à crise um ritmo de crescimento mais lento que, na verdade, se originaria de uma menor capacidade de expansão sustentável.

Os dados sugerem que o baixo crescimento nacional é um fenômeno local. Já as causas são objeto de debate feroz

Para tratar uniformemente todas as economias em análise estimo uma tendência simples (um

Crescimento do PIB do Brasil

Comparativo entre a média de crescimento de Chile, Colômbia e Peru



filto Hodrick-Prescott) para cada uma delas e calculei o desvio do crescimento observado relativamente à tendência. O gráfico mostra os desvios do crescimento brasileiro, assim como a média dos desvios dos demais países (apenas para deixar o gráfico mais legível; chegaríamos às mesmas conclusões usando as informações separadas para cada país).

Os números são reveladores. É possível ver como os movimentos cíclicos no Brasil se assemelham aos dos demais países, em particular no período imediatamente posterior à eclosão da crise de 2008. Todos os países foram tragados pelo maelstrom financeiro, desviando-se significativamente para baixo com respeito à sua tendência. Da mesma forma sua recuperação foi não apenas rápida, mas também vigorosa, revelando taxas de crescimento bastante superiores à tendência já em 2010.

Isto dito, é preciso reconhecer que, em retrospecto, o ministro da Fazenda estava correto ao qualificar a projeção do PIB de 1,5% como piada; só não percebeu que a sua própria piada (crescimento de 4%) era bem mais engraçada...

Quando se examina o período mais recente, todavia, é visível a diferença de desempenho entre o Brasil e os demais países latino-americanos. Embora o crescimento tenha se desacelerado em todos eles (em média uma redução de 1 ponto percentual), a desaceleração brasileira foi muito mais forte (cerca de 4 pontos percentuais) e o Brasil é o único que registra expansão abaixo da tendência estimada.

Posto de outra forma, os dados sugerem que o baixo crescimento nacional é um fenômeno local. Já as causas são objeto de debate feroz, embora minha explicação favorita ainda aponte para o esgotamento do processo de incorporação de mão de obra ociosa como um culpado provável (no caso implicando também que a tendência acima estimada deve exagerar nossa capacidade de crescimento).

Assim, se a desaceleração da economia brasileira resultasse da crise internacional deveríamos observar um comportamento semelhante por parte dos demais países, como o ocorrido em 2009.

Assim, se a desaceleração da economia brasileira resultasse da crise internacional deveríamos observar um comportamento semelhante por parte dos demais países, como o ocorrido em 2009.

Há, porém, uma complicação técnica que precisa ser tratada: é

Frase do dia

"Reducir o preço da energia é uma decisão da qual o governo federal não recuará."

Da presidente Dilma Rousseff, ao informar que agora uma parte dos recursos orçamentários do governo vão suprir a indústria e a população, aquilo que outros não tiveram a sensibilidade de fazer.

Cartas de Leitores

Royalties

Conforme o deputado federal Wellington Dias (PT-PI), autor do projeto sobre a divisão dos royalties do petróleo, e vetado pela presidente Dilma Rousseff, não há contrato entre os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo com empresas, e o que existe, é um contrato entre a União com empresas e isso será mantido.

Em suma, não haverá quebra de contrato algum, e nem a perda de confiança dos investidores internacionais, e o que está havendo, é simplesmente uma disputa interna dos royalties pelos Estados brasileiros.

Como o meu partido é o Brasil, torço para que o presidente do Senado Federal, José Sarney, envie o projeto do deputado Wellington para nova votação em plenário, ainda neste mês de dezembro.

Edgard Gobbi
edgardo.gobbi@gmail.com

Empregados domésticos

Os empregadores dos trabalhadores domésticos exigem do governo os mesmos direitos que as empresas privadas possuem para com os seus empregados. Desconto integral no imposto de renda do salário anual, condução, alimentação, FGTS, enfim de todos os direitos trabalhistas. Jamais iremos contra os direitos dos trabalhadores domésticos porque eles merecem, mas nós também merecemos os descontos já que temos as mesmas obrigações trabalhistas das empresas privadas. Salário de empregado não pode ser confundido com renda ou lucro.

Enquanto as restrições ao orçamento federal com ciência parecem ser algo inevitável, os líderes chineses vão elevar os gastos federais em pesquisa para mais de 2% do Produto Interno Bruto (PIB), aproximadamente no mesmo nível dos EUA no pós-guerra.

O próximo país a encabeçar a economia da inovação pode tirar lições do exemplo dos EUA pós-Segunda Guerra Mundial – e a China vem fazendo exatamente isso.

A liderança chinesa comprehende plenamente que o líder precisa começar com os bastiões da autonomia: dinheiro e controle. Apenas um país posicionado, como a China está agora, com US\$ 3 trilhões em reservas internacionais poderá resistir às demandas persistentes de alocar fundos públicos apenas em projetos que sejam comprovadamente "futéis e produtivos". Em outras palavras, que cumpram só os testes de eficiência "estática" e não "dinâmica".

Historicamente, desde a construção do Canal de Erie até a internet, por meio de redes ferroviárias ou elétricas e superestradas, a economia dos EUA chegou à liderança graças ao apoio público a investimentos de risco privados, nas fronteiras da inovação tecnológica.

É essa a história que estamos ignorando, diante do desafio existencial desta geração: mobilizar recursos na escala necessária para criar uma economia de baixa emissão de gás carbônico para nosso benefício, e de todo a humanidade, no longo prazo. (Tradução de Sabino Alumada)

Diferentemente do informado na reportagem "Roldão quer IPO ou fundo como sócio em 2014", na edição de ontem, na página B5, o cargo de diretor de marketing é novo e seu ocupante, Jefferson Fernandes, não substitui membro da família fundadora na função.

Correspondências para Av. Francisco Matarazzo, 1.500 - Torre New York - CEP 05001-100 - Águia Branca - SP ou para cartas@valor.com.br, com nome, endereço e telefone. Os textos poderão ser editados.

Correção

William H. Janeway é diretor-gerente e assessor sênior da Warburg Pincus e autor de "Doing Capitalism in the Innovation Economy" (Fazendo capitalismo na economia da inovação, em inglês).

Correspondências para Av. Francisco Matarazzo, 1.500 - Torre New York - CEP 05001-100 - Águia Branca - SP ou para cartas@valor.com.br, com nome, endereço e telefone. Os textos poderão ser editados.

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+